

3ª PARTE: RESENHAS

LAZER, BÊNÇÃO OU MALDIÇÃO?

Lenea Gaelzer,
Porto Alegre, Sulina ed., 1979.

O interesse em refletir, discutir e estudar o lazer é recente no Brasil. É a partir de 1970 que o tema passa a ter relevância nos meios acadêmicos e políticos, embora muitos ainda o consideram fator secundário, e até mesmo, insignificante para o estudo e compreensão dos diversos setores da realidade e da história deste País.

De qualquer forma, ainda que timidamente, a idéia de lazer começa a fazer parte dos sistemas de pensamento que orientam os estudos e debates de diversos profissionais políticos e educadores, onde ele é focado basicamente sob duas perspectivas: como categoria explicativa e auxiliadora de outros objetos de estudo, seja as condições de vida do trabalhador, do estudante, seja a atuação dos meios de comunicação de massa etc., ou como categoria central de estudo, como ponto de partida para uma análise dos aspectos da vida cotidiana e das formas de pensar dos homens em geral.

É sob este último aspecto que Lenea Gaelzer em sua obra "Lazer, Bênção ou Maldição?", aborda o tema lazer. Ela faz um estudo em torno dos aspectos mais relevantes do comportamento dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) perante o lazer e em particular na prática esportiva. Sua preocupação principal está em estabelecer uma programação de lazer capaz de preencher os diversos interesses, tendências e possibilidades que povoam o mundo estudantil, e de forma mais ampla, alertar o leitor quanto à necessidade nos dias de hoje, da existência de formas de lazer organizadas, institucionalizadas, já que seus efeitos têm sido considerados, tanto nos Estados Unidos como na Europa, eficazes no combate à violência urbana, à delinquência juvenil, à preguiça do trabalhador etc.

Assim, L. Gaelzer após traçar um histórico do lazer no Brasil e sumariamente em outros países, deixa claro que o lazer é capaz não só de preencher o tempo livre mas também de indicar o sentido da vida do homem, regulando suas ações e seus desejos.

Em seu estudo o lazer é definido enquanto um estado de bem-estar individual que propicia a vigência do sentimento de autoconfiança, segurança e solidariedade. Mas também considerou outras abordagens que pensam o tema

como sendo uma atividade, uma atitude, ou ainda, um tempo disponível. De qualquer forma, é inegável sua preocupação, que como navalha corta toda a obra, em relação aos objetivos que se pode ter em relação ao lazer e na eficácia de seus resultados.

Da mesma forma, a maior parte das atenções que cercam o assunto, a partir de 70, buscam produzir um lazer adequado à população brasileira, considerando as condições e limitações de nossa realidade, e o fato de que as reivindicações dos trabalhadores por uma jornada de trabalho menor tendem aumentar, ao mesmo tempo em que o rápido crescimento urbano industrial ameaça, cada vez mais, a qualidade do lazer do brasileiro, concorrendo para sufocar e dificultar o usufruto do tempo livre. O aumento deste impasse significa: mais tempo livre e restritas condições no uso deste tempo. O que seria o mesmo que tornar o lazer um terreno baldio e improdutivo, porque é inacessível e mal cuidado. Nos termos da autora é fazer dele uma “maldição”, na medida em que compromete o bom andamento do sistema vigente, ou ainda, um abrigo conveniente para ociosos e delinquentes. Pelo contrário, segundo L. Gaelzer, o lazer deve ser um terreno fértil, uma “bênção”, onde fervilham elementos que fazem mover o todo social.

Assim, a autora em questão, não considera o lazer um fim em si mesmo, mas muito mais um meio estratégico de controle do indivíduo, seu adestramento e o de toda a sociedade. Esta finalidade, por sua vez, instrumentaliza a ação para a solidificação dos valores burgueses e a reprodução do sistema vigente. Torná-la viável significa institucionalizar o lazer, administrando-o de acordo com as transformações da sociedade, procurando regulá-lo na tentativa de evitar que os problemas e dificuldades existentes em nossa realidade possam desviar o seu sentido ou minar sua estrutura.

Emerge daí a preocupação da autora em tratar o lazer para que ele não se torne terreno estimulante do ócio, da violência:

“As populações dos grandes centros urbanos estão aguardando que lhes sejam oferecidas oportunidades de ocupação do tempo livre, a fim de desfrutarem dos valores culturais, das várias maneiras de convívio e das manifestações espirituais de fraternidade que podem ser cultivadas na vida comunitária. Se os poderes públicos relegarem este aspecto a um segundo plano e se os grupos de bairro não se aperceberem da necessidade de um planejamento integrado com objetivos específicos na área do Lazer e da Recreação, as pessoas tornar-se-ão mais solitárias, e possivelmente a violência tenderá a ampliar-se, em especial entre os jovens” (1).

Percebemos neste parágrafo alguns dos encargos relegados ao lazer e o que em parte se espera dele. Ou ainda, sua definição enquanto instrumento regulador e tônico da vida social, que fortalece os laços de solidariedade e semeia os “bons costumes”.

Nesse sentido a autora indica que a sementeira seja feita, principalmente na ala jovem.

1 — Gaelzer, Lenea. Lazer, bênção ou maldição? Porto Alegre, Sulina, 1979, p. 43.

Isto porque ela percebe a juventude como uma etapa da vida em que “as grandes coisas belas e úteis podem ser feitas, porque a força vital é então mais viva do que nunca; também é nessa fase que os grandes males e erros se realizam de modo mais intenso” (2).

Dessa forma, a juventude é vista como a única fase da vida onde nos deparamos à beira de dois caminhos opostos: o que está a serviço do bem e o que serve ao mal. Ameaçadores, tanto de destruírem como de ajudarem a produção social, são pois, os jovens, alvo de maiores cuidados. Os adultos, nem tanto, porque já estariam encaminhados; as crianças, estariam longe da necessidade de decidirem entre estes dois caminhos. Em outras palavras, os jovens, são segundo a autora, os inacabados (imatuross) que muito necessitam completar sua formação para tornarem-se acabados (maduros) e ingressarem no mercado de trabalho.

Assim, a autora não considerou a fragmentação do tempo em unidades separadas (infância, juventude, idade adulta...) como sendo uma construção típica da sociedade capitalista, mas sim como um aspecto da “natureza humana”.

Acreditamos, no entanto, que em nossa sociedade, todo o indivíduo que não alinhar seus códigos de acordo com a hierarquia e sob a liderança de ideais condizentes com os padrões morais e sociais vigentes, todo aquele que revelar de algum modo não ter sido domesticado pelo sistema, é visto como um ser desregulado, marginal, improdutivo e alvo de tratamento. Não há ideais definidos porque os valores vigentes não se cristalizaram no indivíduo e aí joga-se diferente com a vida, dando-lhe outros sentidos. E em nossa sociedade se habituou pensar que tal fato é mais comum acontecer com o jovem. Por isso ele é alvo de atenções na obra em questão.

A universidade é apontada no livro também com a função de enquadrar e terminar de formar o jovem, munindo-o de disciplina interior para que ele possa usar a liberdade que tanto almeja, sem prejuízo da coletividade. Que liberdade fala a autora? Pareceu-nos que a sua noção de liberdade está de acordo com aquela proposta pela sociedade burguesa, onde o indivíduo é livre para escolher e determinar sua ação, desde que não prejudique os demais. Ou seja, a liberdade de um acaba quando a do outro começa, o que nos dá uma idéia de igualdade de direitos. No entanto, vivemos numa sociedade que privilegia uns em detrimento de outros, por isto, os limites da liberdade de uns são estabelecidos segundo as condições econômicas, políticas, culturais etc., de seu semelhante. Assim, um indivíduo é livre para escolher e determinar sua ação, mas ao exercê-la no real percebe que ela é determinada pela escolha dos indivíduos em melhor situação na vida do que ele. Sem quereremos aprofundar numa discussão sobre a liberdade, é possível perceber que a autora vislumbra uma liberdade que em grande parte é uma ilusão, uma liberdade de asas podadas, tornando o vôo baixo, longe de transpor fronteiras.

Não só na ilusão da liberdade mas L. Gaelzer cai noutra ilusão: a dos falsos inimigos do homem. Acredita que a universidade tem o dever de ensi-

nar quem são os verdadeiros inimigos do homem, e que nomeia como sendo, principalmente, o vício, o egoísmo, a preguiça e a ignorância. Estes devem segundo ela, ser combatidos em prol da saúde, do trabalho digno e do desenvolvimento nacional. Sua análise não revela o fato de serem estes inimigos muito mais os inimigos do progresso nacional do que de cada indivíduo. Oculta o fato, ou se ilude, de que proteger o cidadão destes inimigos, nomeados pela ordem preestabelecida, é muito mais um combate a todas as formas de vida que entravam a engrenagem do sistema capitalista; é proceder a um saneamento sistemático no território social, para eliminar dele — tratando ou excluindo — os “viciados”. Em suma, é afirmar a norma, um produto natural e social, suprimindo o vício, de tendência antinatural e anti-social. Assim regulam-se condutas humanas, segundo normas, que por habitarem o terreno da legalidade instauram-se na vida social como sendo os condutores da felicidade, da verdade e da bondade. Dessa forma, todo o sofrimento humano decorre apenas do não cumprimento das normas, da transgressão dos valores pré-estabelecidos. O que nos leva a pensar que a felicidade é possível para todos que conseguem vencer o mal em benefício do bem e da ordem. Ela depende unicamente, portanto de cada indivíduo, muito mais do que as condições objetivas de vida de cada um.

Nesse sentido, o indivíduo exerce mais o papel de síndico do que de morador deste mundo, já que deve lutar contra todo o mal e zelar pelo bem e pela ordem de seus semelhantes. Aí reside o verdadeiro sentido da vida, segundo a autora.

Empreender esta missão não é fácil. Mas o lazer mostra-se por toda a obra um canal viável e indicado para conduzir tal tarefa. A Educação Física é citada como uma das formas de habilitar e reabilitar o indivíduo para o trabalho, munindo-o de sentimentos, necessidades e habilidades, tão valorizadas pela sociedade, formando e garantindo sua identidade.

Uma vez no mercado de trabalho, diz a autora, o indivíduo continua necessitando de lazer como uma forma de manter o equilíbrio à personalidade, de liberar e renovar energias, e até mesmo melhorar sua vida familiar.

Assim, o lazer visa muito mais a sobrecodificação dos valores e objetivos de uma sociedade movida sob a égide do capital do que a melhoria e mesmo a expansão da qualidade da diversão. No lazer, o indivíduo embrenhado do sentimento lúdico, sentindo-se livre de horários, desobrigado, é o momento em que ele está apto para ser sobrecodificado pelo sistema, pois está satisfeito com ele, suas necessidades são as condições de sobrevivência dele e seu prazer é a esperança de que ele não termine, pois com ele terminaria também sua existência.

Por isso, é importante, para a autora, que o lazer seja vigiado, controlado, diagnosticado e medicado conforme cada caso. Para isto são de grande utilidade os líderes recreacionais, que surgem no livro como personagens-modelos, contribuindo para que no lazer as pessoas brinquem, tenham prazer,

porque só assim elas terão afinco no trabalho ou no estudo; mas também, que no brincar elas aprendam *o que é brincar, o que é ter prazer, o que é viver*, segundo o sentido que lhes fora atribuído pela sociedade.

Assim, o lazer seria abençoado e a bênção do sistema: estaria representando bem o seu papel de condutor dos valores burgueses; estaria educando e formando o indivíduo para que ele sinta, pense e atue como se espera dele, “como filho pródigo e fiel ao pai”, como um cidadão.

*Denise Bernuzzi de Sant’Anna –
(Pós-graduação – História – PUC SP)*